

# CINCO POEMAS RUSSOS<sup>1</sup>

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i26p199-201>

**Traduzidos por Boris Schnaiderman e Nelson Ascher**

Estes poemas, de um dos principais nomes do romantismo na Rússia, Mikhail Liérmontóv, conhecido como "o poeta do Cáucaso", são parte de um conjunto no qual a dupla de tradutores vinha trabalhando. Eles permaneciam inéditos quando da morte de Schnaiderman, em 18 de maio de 2016.

## "BYRON NÃO SOU..."

Byron não sou, mas outro eleito  
desconhecido ainda e, embora  
também eu vague mundo afora  
proscrito, sou russo em meu peito.

Parti mais cedo e vou chegar  
mais cedo ao fim, quase sem obra;  
minha alma encobre feito um mar  
cada esperança que soçobra.

Quem pode, mar sombrio e mudo,  
saber de teu segredo – e, além  
do mais, contar aos outros tudo  
o que remôo? Eu? Deus? Ninguém!

---

<sup>1</sup> Publicado originalmente em Folha de S. Paulo, em 19 de junho de 2016.

## UM SONHO

Num vale daguestano eu expirava,  
chumbo no peito, inerte, ao meio-dia;  
a chaga funda ainda fumegava,  
meu sangue gota a gota se esvaia.

Jazia sobre a areia, abandonado,  
penhascos me rodeavam, e um sol forte  
queimava cada cimo alto e dourado,  
bem como a mim, num sono já de morte.

Sonhava que na terra onde nascera  
caía a noite e havia num festim,  
com flores no cabelo e de maneira  
jovial, moças falando sobre mim.

Mas, longe da alegria e da conversa,  
sentava-se uma delas de ar tristonho  
e a sua jovem alma estava imersa  
na mágoa só Deus sabe de que sonho.

Num vale daguestano, ela sonhava  
que, inerte, um corpo familiar jazia,  
sua chaga enegrecera e ele sangrava  
uma torrente cada vez mais fria.

## "ADEUS, Ó RÚSSIA MAL LAVADA..."

Adeus, ó Rússia mal lavada,  
terra de escravo e grão-senhor,  
adeus, ubíquo azul de falda  
e gente afeita ao seu feitor.

Talvez o Cáucaso, alto muro,  
me oculte enfim de teus paxás,  
cujo olhar vê tudo no escuro  
e cujo ouvido ciuve até mais.

## A TAÇA DA VIDA

Bebemos vendados da taça  
da vida enquanto  
lavamos seu ouro sem jaça  
com nosso pranto.

A venda desfaz-se, porém,  
antes da morte,  
e o que nos seduzia tem  
a mesma sorte,

Vazia, a taça então revela  
seu nãda insosso:  
bebíamos sonho que, nela,  
nem era nosso!

## UMA VELA

Uma vela, no azul da bruma  
do mar, branqueja solitária.  
Que busca ao longe? Aonde ruma?  
Do que, zarpando, se separa?

Brincam as ondas e murmura  
o vento; o mastro verga e chia.  
Persegue o quê? Não é ventura.  
Foge do quê? Não da alegria.

Torrente mais que anil a enleia,  
enquanto o sol de ouro a acalenta.  
Rebelde, porém, ela anseia  
somente a paz que há na tormenta.